



DAS ORIGENS DO ATEÍSMO AO ATEÍSMO MILITANTE

FROM THE ORIGINS OF ATHEISM TO MILITANT ATHEISM

Wesley Barbosa

E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGFIL-UFES) com bolsa de estudos concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa e a Inovação do Espírito Santo (FAPES). Mestre em Filosofia pelo mesmo programa, além de licenciado em História pela UFES e Bacharel em Psicologia pela mesma instituição.

RESUMO:

O artigo fará um recorte sucinto, passando por Jean Meslier, talvez, o primeiro a compor um tipo de pensamento ateu. Onfray e o seu *Tratado de Ateologia*. E Richard Dawkins no seu manejo confuso e dogmático do saber científico para corroborar a sua tese ateísta. O problema da comprovação de Deus nos parece menor diante dos efeitos mais nefastos do dogmatismo e do fanatismo, tanto de ateus quanto de teístas. Por isso, as dificuldades do ateísmo militante de se sustentar num nível de argumentação que não seja apenas uma negação contundente e apaixonada do teísmo, ou seja, uma mera reação.

PALAVRAS-CHAVE: Ateísmo. Dogmatismo. Deus.

ABSTRACT:

The article will briefly outline Jean Meslier, perhaps the first to compose a type of atheist thought. Onfray and his Treatise on Atheology. And Richard Dawkins in his confusing and dogmatic handling of scientific knowledge to corroborate his atheistic thesis. The problem of proving God seems smaller to us compared to the more harmful effects of dogmatism and fanaticism, both from atheists and theists. Therefore, it is difficult for militant atheism to sustain itself at a level of argumentation that is not just a blunt and passionate denial of theism, that is, a mere reaction.

KEYWORDS: Atheism. Dogmatism. God.

INTRODUÇÃO

A filosofia dedica-se a desmontar os pressupostos muito sólidos estabelecidos pelo senso comum como obviedades. O mundo é objeto da filosofia, o próprio homem e ela mesma são objetos de sua reflexão. Mesmo após árduo debate e consenso entre os especialistas, o dedo da dúvida do filósofo é convidado a fazer parte das delongas com suas perguntas inquietantes. Assim, a filosofia é antidogmática, a ciência também. As religiões, nem tanto. E aqui o contraponto dos ateus é necessário e útil como abertura a novas interpretações, já que o

problema não se soluciona. Além de promover um forte movimento no sentido de uma laicidade como medida prudente em termos de ação política dos Estados e de liberdade de pensamento. Contudo, os problemas da vida como, por que estamos aqui neste mundo e com uma consciência capaz de organizá-lo, por que morremos e, na mesma medida, por que vivemos uma existência profundamente singular e dolorosa, por que existe o mal, por que somos tão diferentes uns dos outros, ao mesmo tempo que somos muito iguais como membros da mesma espécie? Todas estas questões filosóficas, próprias da condição existencial do homem enquanto consciência de si e do mundo, independem da formação acadêmica, pois todas as pessoas do mundo costumam fazer estas mesmas perguntas. Todavia, todas estas dúvidas foram cooptadas pelos sacerdotes que, assumiram-se porta-vozes mais qualificados para resolvê-las e manejá-las. As respostas das religiões não são desprezíveis, mas não precisam ser as únicas, tanto no seu debate interno sobre Deus: muitas religiões elaboram suas explicações sobre tudo isto que é o existir e nenhuma destas explicações são melhores ou piores, superiores ou inferiores, umas às outras, todas elas se equiparam como procedimentos mentais da cultura humana, profundamente engajadas em seu contexto histórico, geográfico, econômico, político, ético. Quanto sobre às opiniões dos saberes extra teístas, isto é, o que dizem os filósofos e cientistas. Não que a filosofia estivesse a serviço do ateísmo, ao contrário, esteve durante muito tempo acorrentada às masmorras da teologia. A intenção filosófica é sempre deixar engatilhada a pergunta capaz de desestabilizar os alicerces mais robustos do edifício humano. O exercício do pensamento enquanto pensamento é perseverar no movimento, que é incapaz de estabilizar uma certeza. Neste sentido, a teologia, apesar de seu discurso autossuficiente, recruta da filosofia os elementos capazes de consolidar suas premissas mais elementares, ao mesmo tempo que confrontada no seu apelo dogmático e messiânico, pode assumir uma postura mais ativa com relação à vida e à liberdade, assumindo o nosso mundo como aquele que deveríamos focar primeiramente a nossa atenção, nos realizando nele.

Os problemas da vida não são, inicialmente, acadêmicos, ou mesmo, religiosos, são questões eminentemente humanas. Assim, os saberes e as pessoas, elaboram explicações místicas, materialistas, teóricas, experimentalistas, delirantes, tentando dar conta de uma realidade de tal maneira complexa e desesperadora, criando algum tipo de conforto, pela via de uma segurança oriunda de sentido originário.

ORIGENS DO ATEÍSMO

O ateísmo seria o resultado de uma radicalização do pensamento filosófico, pois o seu encadeamento semântico não deixaria outra saída senão a nulidade de um ente Criador. Primeiramente, porque o mundo é materialmente factível. Segundo, porque em nome do magnânimo engenheiro do universo, a (T)erra foi e é enlameada de sangue. O ateísmo não surgiu como que por acaso, ele tem uma história e responde a motivações históricas. Sua negação de Deus e das religiões é, antes de uma metafísica como ontologia, uma reação política aos desmandos e excessos sacerdotais, principalmente, no ocidente, ao cristianismo. Nos tempos atuais, ao islamismo também. “O ateísmo contemporâneo [...] tem como característica um movimento de publicações e adesões iniciado após o ataque às torres gêmeas em 2001.” (Franco, 2014, p. 21). Uma hipótese interpretativa, bastante disseminada entre os Iluministas e os positivistas, é de que o ateísmo segue o caminho do progresso do pensamento, resultado inequívoco da aquisição do conhecimento. Na medida que o homem evolui em termos intelectuais, acabou por abandonar as crenças religiosas, tomando para si, a razão e a ciência como veículos mais estáveis. Todavia, o século XIX e seu otimismo científico não abandonou Deus, mas o substituiu por outros rígidos significantes, a razão, a objetividade, o progresso. “O paradigma que o apoia sustenta a ideia de uma superação, como se a religião ocupasse um estágio anterior ou menos desenvolvido de pensamento. A razão e a ciência seriam os ‘ideais salvacionistas’ ” (Franco, 2014, p. 21). O ideal de Deus pelo ideal da ciência e da razão não resolve muito bem o problema do dogmatismo como fanatismo, antes religioso, agora político, porque, aliás, as invasões à África e à Ásia no século XIX, motivadas pela Segunda Revolução Industrial, foram justificadas politicamente com argumentos científicos. Não eram científicos, mas como reduziram o saber das ciências a uma irrefutabilidade beatífica, acabou-se por creditar ao Darwinismo Social, à antropologia social, à psiquiatria e a seus métodos, bastante questionáveis, como a craniometria, uma verdade insofismável.

Se para o senso comum o ateísmo é sinônimo de negação de Deus e/ou do judaísmo cristianismo como instituições, por motivações políticas ou por convicções materialistas da realidade, numa falta de abertura apaixonada ao mistério do mundo: “no senso comum, ateísmo refere-se a um posicionamento de negação ou rejeição da existência ou da ideia de Deus, ideia geralmente vinculada às grandes tradições religiosas” (Franco, 2014, p. 31); no agnosticismo, porém, há um desinteresse ou uma dificuldade de tomada de posição com relação ao problema de Deus, pois a afirmação ou negação do ente absoluto não se sustenta por longo tempo, sendo o caminho do meio, talvez, a opção mais prudente em termos metafísicos, não em termos

políticos: “A indiferença, neutralidade, ou ainda simplesmente uma ausência de crença seriam, a princípio, enquadrados no conceito de agnosticismo. Nesse sentido, respondendo à provocação de Barão d’Holbach, nasceríamos todos agnósticos, indiferentes à questão de Deus” (Franco, 2014, p. 31). Logo, Deus só pode não existir a partir do momento que alguma noção de Deus vier à tona, de modo que o ateísmo depende do teísmo em termos constitutivos. “[...] o ateísmo estando atrelado à existência anterior de uma concepção de *theos* inviabilizaria o rótulo de ateísta a uma criança sem uma ideia de Deus” (Franco, 2014, p. 35). O agnosticismo se compromete menos, deixando em aberto a negatividade ou positividade do ser transcendental. Porque ao certo mesmo, nada se sabe, mas homens podem querer ser deuses (Feuerbach), inventar seus deuses a sua forma e semelhança, conscientemente ou não, para curar suas próprias feridas. Se pode professar um amor pela humanidade como *ágape*, mas sem Deus, numa espécie de espiritualidade laica (Ferry e Sponville). Se pode achar Deus nas coisas do mundo, na sua perfeição e organização, “[...] panteísmo. Conhecida como a postura de reconhecer Deus em tudo, o panteísmo identifica na natureza e em seu funcionamento uma lógica, cuja beleza e outras qualidades poderiam indicar uma perfeição divina, mas não no sentido sobrenatural” (Franco, 2014, p. 39). Todavia, os diversos deuses, ou sua negação mais contundente numa polarização, na qual o mais distante de ambos, os aproxima como iguais na sua paixão desenfreada do crido, ou do não crido, como impossibilidade, reduz a complexidade a uma maniqueísmo sectário (Onfray e Dawkins). Ou seja, o crente, aos olhos do ateu dogmático, é um ignorante, massa de manobra política e fundamentalista religioso. O ateu, na perspectiva do crente, é um pecador perseverante, incapaz de agradecer ao todo poderoso pela maravilha da Criação. Este dualismo maniqueísta, simplifica mais, que esclarece, levando o debate, não para um ambiente dialético hegeliano, capaz de uma síntese ordenadora, para construir um conhecimento analítico e existencial, mas para as trincheiras incomunicáveis de suas respectivas verdades. Nestes campos absurdamente polarizados, o obscurantismo de todas as partes toma conta, impedindo um avanço epistêmico mais consistente. Assim, caminha a humanidade, afundando na lama de suas verdades, tão críveis quanto falsas, no sentido de não estarem prontas para ser alvo da seta desestabilizadora da pergunta impertinente.

Não haveria ateísmo se não existisse crença em Deus ou deuses. Neste contexto de entendimento, o ateísmo seria posterior ao teísmo, na medida em que é preciso que uma ideia de divindade exista para que o pensamento ateísta faça sentido (Franco, 2014, p. 35).

O debate ateu nos é importante porque é encarado como de uma complexidade e de uma sofisticação, grandiosas. Estes atributos não servem para diminuir aquilo a que eles se opõem. Pois a dimensão cultural de Deus e das religiões é imensa e de inesgotável conhecimento, um dos saberes mais antigos da humanidade, o ateísmo como seu contraponto mais direto e sincero, não deixa a desejar em termos de diversificação de autores, riqueza de ideias e força argumentativa. Desejamos nos distanciar do discurso que para afirmar algo nega a outra parte, numa forma do ressentimento que empobrece o debate e simplifica a dimensão cultural humana.

O pensamento não é um recurso humano disponível para tranquilizar a alma diante do desespero, porque o pensamento não tem o *telos* como meta. Portanto, a aventura da filosofia é embarcar nesta travessia, sem nunca encontrar a outra margem do rio ou um porto seguro para aportar. Na travessia da filosofia, todos os rios deságuam no oceano, que é a dimensão do impossível, do gigantesco, do inapreensível e incaptável na sua totalidade: o caos. A evolução do pensamento que encontra um porto, ao invés do oceano, acovardou-se diante da imensidão do infinito. Ou seja, o filósofo que encontrou Deus como ente transcendental, teme ir mais longe e deparar-se com o turbilhão que escapa por todos os lados. “Logo de início, é importante ressaltar que a história do ateísmo até o momento não se fez eminentemente por fatos (no sentido de acontecimentos com bases pontuais), mas é antes de tudo uma história do desenvolvimento do pensamento” (Franco, 2014, p. 41). Dito isto, é oportuno indicar que há uma trajetória da filosofia em direção ao ateísmo. De Sócrates a Dawkins, passando pelo ateísmo filosófico da modernidade, Deus se apresenta cada vez mais trivial e desnecessário. Porque a ciência tem o seu método, a filosofia a sua dúvida hiperbólica, os indivíduos a sua liberdade para constituir-se da forma que lhes aprouver. Deus está morto!¹

¹ Para uma apreciação mais detida sobre o niilismo, ver: ARALDI, Clademir Luís. *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral*. Pelotas: NEPFil online, 2013; ARALDI, Clademir Luís. *Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche*. Cadernos Nietzsche 5, p. 75-94, 1998; ARALDI, Clademir. *Hölderlin e Nietzsche: sobre o “abismo” do nada*. Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 13, nº 2, pp. 43-58, 2020. Além disso, consultar em Nietzsche, os aforismos 125 e 343 de *A Gaia Ciência*, o prólogo de Assim Falou Zarathustra, assim como as seções de *O Homem Superior*, *Dos Transmundanos*, *Dos Compassivos*. Por fim, uma visita a obra de CABRAL, Alexandre Marques. *Nihilismo e Hierofanía: Nietzsche, Cristianismo e o Deus Não-Cristão*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2015; JUNIOR, O. G. *Reflexões sobre o Niilismo e seus desdobramentos*. Revista de Filosofia Aurora, Curitiba, v. 34, n. 62, p. 183-199, maio/ago. 2022; GIACÓIA, Oswaldo. *Labirintos da Alma: Nietzsche e a Auto-supressão da Moral*. Campinas: Editora UNICAMP, 1997; SABINO, Paulo Cesar Jakimiuk. *Entre Nietzsche e Dostoiévski: Modernidade e Niilismo*. Tese de doutorado, UFPR. Curitiba, 2022; TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e Filhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019; FRANK, Joseph. *Dostoiévski: Um escritor em seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018; DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Ed. 34, 2008; DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. São Paulo: Ed. 34, 2004; STELLINO, Paolo. *Nietzsche and Dostoevsky: On the Verge of Nihilism*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2015. GUIOMARINO, Hailton Felipe. *Modernidade e Sofrimento em Nietzsche*. Tese de Doutorado. Curitiba, 2022.

A respeito de Sócrates, sucintamente, interessa-nos que seu ceticismo em relação à metafísica e seu incentivo à consciência racional do ser sobre si mesmo provocaram reações que culminaram em sua morte [...]. Durante determinados períodos históricos, o ateísmo foi, antes de tudo, uma afronta ao poder de ordem e domínio do Estado (Franco, 2014, p. 43).

Diante da elevação do homem à condição de proprietário de si mesmo, dono de sua vida, amparado pela razão, as religiões perderiam seu poder agregador e desenvolveriam uma novidade de si como religiões sem Deus. Antes da deflagração disruptiva de uma sociedade sem quaisquer religiões, indicativos laicizantes e tolerantes sugeririam uma espiritualidade sem Deus ou religiões sem Deus. “Algumas filosofias indianas antigas, como a Sankhya Clássica e Mimamsā (hinduístas), além de determinadas concepções de budismo e jainismo seriam exemplos de religiões que rejeitam a ideia de Deus [...]” (Franco, 2014, p. 41). O devoto é um crente, sem maiores pretensões a um aprofundamento no campo de uma teologia sistemática ou a uma filosofia da religião. Outrossim, os sacerdotes e membros mais dedicados aos preceitos da instituição, movimentam seu agir, não só pelo motor da fé, mas pela instrumentalização do pensamento filosófico. Assim, não é inverossímil suspeitar que muitos destes mais dedicados trabalhadores da igreja sejam os primeiros a promover os mais devastadores ataques às religiões e a Deus.

JEAN MESLIER

Jean Meslier foi um padre que, engajou-se na crítica à própria doutrina cristã, assim como no caráter divino do ente absoluto. Seus livros, em tom ácido e duro, escritos à luz de velas, na penumbra das noites mais solitárias e angustiosas, vieram à tona pelo resgate da obra por determinados autores. Segundo Piva, pelos Iluministas, especialmente Voltaire, depois o Barão d'Holbach, a obra, longa, sendo, gradativamente, distorcida, instrumentalizada aos mais diversos fins políticos. Porém, a corrupção da obra não foi de todo ruim, já que contribuiu para a publicização e o conhecimento do, para Onfray, primeiro ateu da história do ocidente. Rudolf Charles, editor socialista, foi quem resgatou o texto integral, criando a imagem de Meslier como padre ateu, comunista, anticristão, anticlerical e materialista.

[...] o resgate da obra e do pensamento originais de Meslier em 1864, pelo alfarrabista, editor e militante socialista holandês Rudolf Charles. Tal fato fornecerá a imagem de Meslier e de sua filosofia para o século XX, ou seja,

finalmente um Meslier ateu, materialista, anticristão, comunista e ideólogo da sublevação camponesa baseada no enferramento do último rei com as tripas do último padre, tal como encontramos nas letras e no espírito originais da sua *Memória* (Piva, 2013, p. 92).

A mais recente investida na produção de Jean Meslier aconteceu graças ao esforço de interpretação de Michel Onfray. Interessado em propagar seu ateísmo, o autor francês tenta retomar o estilo de Meslier no seu *Tratado de Ateologia*, pronunciando uma filosofia hedonista, em rota de colisão com os preceitos de condenação do corpo como fonte do pecado e da corrupção moral, construídos pela tradição católica. Ademais, busca no franco dilema existencial de Meslier, um padre, uma justificação elevada para sustentar o ateísmo como possibilidade filosófica e existencial, ou seja, o primeiro a levantar a bastião da descrença e denunciar a farsa teísta judaico-cristã, curiosamente, foi um padre.

É em 2005 que a trajetória da recepção da filosofia de Meslier ganha um novo ânimo, [...]. O polêmico Michel Onfray lança na França o bombástico *Tratado de ateologia: física da metafísica*. Em pouco tempo o livro torna-se *best seller* e atrai os holofotes da grande mídia e do grande público. Um dos personagens centrais, não só do livro, mas da sua proposta de "ateologia" é justamente Jean Meslier (Piva, 2013, p. 94).

Jean Meslier trabalhou como padre em *Étrépigny*, uma localidade interiorana da França, afastada dos grandes centros urbanos. Logo, sem grandes influências da aristocracia e do alto clero. Assim, manteve-se afastado tanto da suntuosidade e da vida de aparências e riquezas de uma casta de nobres, aliada do rei, espoliadores do povo, e das intrigas políticas do clero. Com isto, conseguiu construir uma visão própria sobre o mundo. Do ponto de vista socioeconômico, constatou a miséria a que o povo era submetido, assim como as relações de exploração que, quando não eram francamente feudais, eram proto capitalistas, o camponês deixado à mercê, vítima da fome, do frio e do desamparo. Além da percepção da mentira cristã para educar cordeirinhos, manipular seus interesses em favor da opulência e da ostentação do clero, pela manipulação do discurso e do texto bíblico. Abusando da fragilidade dos trabalhadores rurais em evidente vulnerabilidade.

Na leitura de Onfray, Meslier fora um padre que vivia em meio ao sofrimento dos camponeses e com eles se identificava e se solidarizava; que pensou e escreveu longe dos salões, das academias francesas e da proteção de despotas; que era simpatizante da união amorosa livre e contra o matrimônio indissolúvel por entender os desejos e sentimentos como movimentos naturais,

inocentes e inconstantes, próprios de uma dinâmica cega, determinada e imprevisível da matéria; um analista que apresenta as narrativas bíblicas como fábulas absurdas e risíveis (Piva, 2013, p. 97).

Não há consenso histórico sobre os livros da Bíblia. Além das falsificações de todos os tipos, promovidas ao longo dos séculos, há uma dificuldade absurda, por motivos óbvios, em endossar a originalidade espiritual dos textos. Alguns livros considerados inspirados, tornaram-se apócrifos, alguns apócrifos, passaram a inspirados. E, o mais grave, toda vez que se atribui um cânone sobre este ou aquele livro, logo se acusa àqueles que discordam, colocando-os na categoria hereges e anticristãos, produto típico da falta de liberdade e democracia entre os cristãos. Os protestantes, ainda, com a tradução do texto, por Lutero, para o alemão, este retirou diversos livros, sob a acusação de livros apócrifos. Ao traduzir, autorizou também a livre interpretação do texto, o que antes era monopólio dos sacerdotes católicos. Se por um lado, a livre interpretação permite o acesso hermenêutico do texto e seu uso livre a uma população maior, os alfabetizados, por outro, esta abertura proclamou de vez a corrupção e os jogos de interesses. Neste sentido, a teologia se multiplicou por diversas espécies de discursos que, se há um sentido cristão sobre Jesus, inalterado no livro sagrado, cada vez mais essas dissidências católicas se afastam de um evangelho do amor, da caridade, do perdão, do coletivo, como uma multidão de *humilhados e ofendidos*, mas acolhidos pelo Deus crucificado no seu sacrifício glorioso de ser o mais pobre dos mais pobres, e ter tido a morte reservada à *cannalie* para dar o exemplo ao mundo do seu amor.

His books are now mutilated and falsified and only pieced together by others who came after and so we find only obvious errors and faults (Eusebius). The Alogi attributed the Gospel and Apocalypse of St. John to the heretic Cerinthus, which is why they rejected them. Heretics in the last centuries rejected many books, like the Book of Tobit, Judith, Esther, Baruch, the Canticle of the Three Children in the Furnace, the History of Susanna, and the Idol of Baal, the Wisdom of Solomon, Ecclesiastes, and the First and Second Maccabees, which all were regarded as apocryphal by our recent heretics and are regarded as holy and sacred by our Roman Catholics² (Meslier, 2009, p. 100).

² “Seus livros estão agora mutilados e falsificados e apenas reunidos por outros que vieram depois e assim encontramos apenas erros e falhas óbvios (Eusébio). Os Alogi atribuíram o Evangelho e o Apocalipse de São João ao herege Cerinto, razão pela qual os rejeitaram. Os hereges dos últimos séculos rejeitaram muitos livros, como o Livro de Tobias, Judite, Ester, Baruque, o Cântico das Três Crianças na Fornalha, a História de Susana e o Ídolo de Baal, a Sabedoria de Salomão, Eclesiastes e o Primeiro e o Segundo Macabeus, todos considerados apócrifos pelos nossos hereges recentes e considerados santos e sagrados pelos nossos católicos romanos.”



A Bíblia Sagrada é um livro ou um conjunto de livros como quaisquer outros. Como todos os livros humanos, estão cheios de contradições não percebidas pelo autor, nem pelo editor, de qualquer modo, uma obra humana, com todos os requintes estilísticos poéticos e literários. Ler a Bíblia não autoriza mais o cristão a examinar a verdade, seja lá do que for, com mais acuidade que o leitor do Corão ou o leitor de Hesíodo e Homero. É tão inconsistente a trapaça cristã, que a sua maior parte da história os opositores foram cassados e punidos. Se a sua verdade é tão profunda e sábia, por que o discurso contrário a desestabiliza tão gravemente a ponto de ser necessário silenciar os blasfemadores? O uso sistemático da violência não seria um recurso produzido pelo efeito do medo de que no fundo isso tudo não passaria de falsidade?

Now, it is clear and evident that the aforementioned so-called holy and divine books contain in themselves no particular nature of divinity, learning, knowledge, wisdom, holiness, or any other perfection that could be said to come only from a god. Far from it, we clearly find the same faults, errors, and imperfections that are ordinarily found in other books from the negligence, ignorance, or incompetence of the authors³ (Meslier, 2009, p. 101).

É inegável a produção cultural católica. A sua arquitetura imensa com as mais diminutas imagens esculpidas com delicadeza genial num gigante de pedra, pinturas que vão do inferno ao céu maravilhoso e eterno. As pinturas pedagógicas do inferno com o peso da danação, as do Paraíso, como uma paz angelical, auspiciadas por cores claras no seu conjunto mais harmônico. A música, a ecoar pelas imensas naves em dias de missa, como uma sinfonia de adoração e mergulho na santidade de uma vida entregue às maravilhas do Senhor. No fim, essa dimensão do belo é uma tentativa de materialização estética de Deus. Ou seja, as sublimes obras criadas pelos artistas do cristianismo tratam de uma formulação sobre algo, *humano, demasiado humano*. Em todo este ardor estilístico, o que se vê e se sente, são os desejos humanos mais profundos, sua vontade de distrair-se desta vida numa imagem idílica e atemporal. Assim, todas essas minúcias pedagógicas do cristianismo, que se pretendiam ir ao fundo das coisas, acabaram por reduzir todas as coisas a uma só. O objeto da arte, amplo, diverso, múltiplo, pela imposição da teologia, consumou-se em apenas um: Deus. O mesmo vale para a filosofia, para as ciências.

³ “Agora, é claro e evidente que os mencionados livros sagrados e divinos não contêm em si nenhuma natureza particular de divindade, aprendizado, conhecimento, sabedoria, santidade ou qualquer outra perfeição que possa ser considerada proveniente apenas de um deus. Longe disso, encontramos claramente as mesmas falhas, erros e imperfeições que normalmente são encontrados em outros livros, devido à negligência, ignorância ou incompetência dos autores.”

Far from it, we normally see that there is more intelligence, civility, knowledge, eloquence, order, clarity, coherence, precision, and even more wisdom and solid instruction in the books of philosophers, historians, and profane orators than in any of the so-called holy, sacred books whose principal wisdom consists in making people piously believe errors and religiously observe vain superstitions⁴ (Meslier, 2009, p. 103).

Por que Deus escolhe uns ao invés de outros? Se todos são filhos dele, por que alguns são queridos e outros não? O padre francês que reza por seu exército tem mais prestígio com Deus que o padre prussiano, a ponto de Javé lhes outorgar a vitória, em detrimento dos outros e não o contrário, sendo os prussianos também cristãos? E na querela Rússia *versus* Ucrânia, Deus é Ortodoxo Russo ou Católico Apostólico Romano? Deus está do lado de quem vai vencer? E se Deus for cristão, os não cristãos, mais da metade do mundo, perecerão sob o chicote sádico do diabo por toda a eternidade? Não seria apropriado assumirmos nossa vontade de ter um pai poderoso para nos proteger e saciar a nossa vontade de vingança?

You cannot allege such a vain reason, because if God really is the author of Nature and if he really is the author and father of all men and peoples, as our Christ-cultists say, then he should love them all equally as his own works and, consequently, he should be their equal protector and benefactor, since “he who gives being should also (according to the true maxim) give the necessary outcomes and effects for well-being [...]”⁵ (Meslier, 2009, p. 117).

E, curiosamente, os queridos de Deus até receberiam as graças de um milagre, individualmente e para o seu usufruto pessoal, e, evidentemente, para a propaganda política dos poderes magnânimos do Senhor. Deus até agora não moveu uma palha para a consolidação da justiça social no mundo, milhões de crianças morrem de fome todos os anos no planeta. Mas para ressuscitar um Lázaro ou transformar a água em vinho para meia dúzia festejarem, Deus de pronto atua.

⁴ “Longe disso, normalmente vemos que há mais inteligência, civilidade, conhecimento, eloquência, ordem, clareza, coerência, precisão e ainda mais sabedoria e instrução sólida nos livros de filósofos, historiadores e oradores profanos do que em qualquer um dos livros de filósofos, historiadores e oradores profanos. os chamados livros sagrados, sagrados, cuja principal sabedoria consiste em fazer as pessoas acreditarem piedosamente nos erros e observarem religiosamente superstições vãs.”

⁵ “Você não pode alegar uma razão tão vã, porque se Deus realmente é o autor da Natureza e se ele realmente é o autor e pai de todos os homens e povos, como dizem nossos cultistas de Cristo, então ele deveria amá-los todos igualmente como suas próprias obras e, consequentemente, deveria ser seu igual protetor e benfeitor, pois ‘aquele que dá o ser deve também (de acordo com a verdadeira máxima) dar os resultados e efeitos necessários para o bem-estar [...]’”

[...] that a god who was infinitely perfect would particularly want to use his omnipotence to perform miracles on small occasions and for inconsequential matters and that he would not want to perform them on occasions and in matters that were much more important [...]⁶ (Meslier, 2009, p. 118).

Não é difícil desarticular a semântica teísta, dado os seus arroubos infantilistas. Um pouco de racionalidade e espírito crítico são suficientes para colocar em dúvida alguns de seus pressupostos. E Jean Meslier, sacerdote cristão, dotado de alguma perspicácia, foi um dos primeiros a sugerir uma interpretação de mundo sem Deus.

Michel Onfray

Michel Onfray estaria qualificado, no que hoje se denomina neoateus, ou ainda, ateus militantes, fazendo coro ao discurso de Christopher Hitchens, Sam Harris, Daniel Dennett, Ayaan Hirsi Ali e Richard Dawkins, que teremos a oportunidade de discutir neste artigo, mais à frente. Onfray atribui ao caráter transcendente das religiões, assim como a noção de pecado das religiões abraâmicas, como atributos aniquiladores da vida. "Assim, as questões imanentes são colocadas em segundo plano, prejudicando toda a possibilidade de um progresso ontológico do tipo materialista" (Costa, 2021, p. 338). Nada que outros não tivessem dito antes: Nietzsche, por exemplo. Ao se atribuir ao além-mundo todas as garantias de uma vida plena, se perde a oportunidade de galgar a felicidade neste mundo, deixando à revelia, o corpo como fonte do prazer, das paixões, do gozo, da superação de si. "O filósofo comprehende que, da acusação do corpo como origem e desenvolvimento de todo o pecado tende a se criar uma espécie de mitificação sobre o desejo, a sexualidade, as mulheres e a ciência." (Costa, 2021, p. 338). O postulado do pecado seria uma artificialidade criada como um problema a mais a ser incluído na aventura da vida. Segundo estes ateus, útil apenas para gerar mais sofrimento e, o pior, um sofrimento de um algo que nem aconteceu, ou que existam responsáveis a serem penalizados ou não.

Embora não haja propriamente a formulação de ideias devidamente sistemáticas, entendemos que a filosofia de Michel Onfray desenvolve uma ontologia materialista tendo como meta a criação de uma ética hedonista. Em sentido estrito, o filósofo defende que somente negando as crenças religiosas e todo e qualquer interesse de ordem transcendente o homem pode alcançar a

⁶ "[...] que um deus infinitamente perfeito iria querer particularmente usar sua onipotência para realizar milagres em pequenas ocasiões e para assuntos inconsequentes e que ele não iria querer realizá-los em ocasiões e em assuntos que fossem muito mais importantes [...]"



felicidade, pois, dessa maneira, estaria conciliado com o seu próprio corpo devido à superação da consciência da culpa dos pecados, fortemente introjetada pelas tradições monoteístas (Costa, 2021, p. 337).

Adepto do otimismo Iluminista, Onfray supõe a racionalidade, no intuito do desvelamento do mundo, como o mais apurado fundamento adquirido pela humanidade pela ação investigante dos filósofos. Assim como a mais livre forma de interpretação. Bem diferente da maneira como as religiões constroem suas mitologias que, além de falsas, exigem para a sua compreensão obediência, fé e submissão inquestionável. A irracionalidade como pano de fundo para toda esta panaceia delirante e estapafúrdica.

Segundo o *Tratado de Ateologia*, o Deus dos filósofos está em constante conflito com o Deus de Abraão, Moisés e Maomé. A origem filosófica é fruto da racionalidade, enquanto o religioso exige em demasia o dogma, a revelação e a obediência. Sua inferência aponta para um Deus de aparência Iluminista, nesse caso, libertador, tendo no outro uma espécie de antítese, ao decretar em seu dogma a obediência e negação da vida (Costa, 2021, p. 340).

Os valores cristãos estão encarnados na cultura de tal modo que um pensamento anticristão é uma tarefa das mais árduas, além de aos olhos do outro parecer uma aberração. Não é por acaso a dificuldade de uma recepção de Nietzsche, sem afetos reativos, indiferença ou desqualificação. Porque seu combate persevera de um jeito, que aos constituídos, subjetivamente, por milênios, no judaísmo cristianismo, parecerá errado. Também não é por acaso que mesmo depois dele, aqueles que se atribuem nietzscheanos, não sustentam algumas de suas investidas, e até um ateísmo não deixa de ser cristão. Humildade, caridade, amor *ágape*, discrição, parcimônia, amor ao próximo, retidão, capacidade de perdoar, senso de justiça, uso da racionalidade para o bem, temperança, enfim, todos estes valores, mesmo a uma filosofia ateia, colocam-se como certos, irrevogavelmente, não porque fossem, em si mesmos, certos, mas porque a propaganda política de seu sentido, pela Igreja, nos condicionou a essa servidão epistemológica e hermenêutica.

Mas, em virtude do princípio de impregnação judaico-cristã da episteme da nossa época, o ateísmo também é marcado com o ferro católico. De sorte que existe um ateísmo cristão e que a expressão, sob sua aparência oxímorica, caracteriza um verdadeiro objeto conceitual: uma filosofia que nega claramente a existência de Deus, decerto, mas que retoma por sua conta os valores evangélicos da religião de Cristo. (ONFRAY, 2010, p.39).

Entretanto, esses grandíssimos valores cristãos, de uma envergadura colossal, têm de prático muito pouco. Aos humanos, tais prerrogativas são santas demais, de tal modo que a associação entre judaísmo-cristianismo e hipocrisia não é trivial. “Elaboremos doravante uma moral mais modesta, no entanto capaz de produzir efeitos reais. Não mais uma ética do herói e do santo, mas uma ética do sábio” (Onfray, 2010, p.40). Todavia, o caminho para esta ética, para Onfray, é passando pelo hedonismo e, inclusive, ele discorda de Nietzsche com relação a morte de Deus, referindo-se a ela como mais uma estratégia desestrutivista, num século XX, da morte de tantas coisas.

A morte de Deus foi um artifício ontológico, número de mágica consubstancial a um século XX que vê a morte por toda parte: morte da arte, morte da filosofia, morte da metafísica, morte do romance, morte da tonalidade, morte da política.[...] A morte de Deus, por sua vez, produziu sagrado, divino, religioso, seja o que melhor for. Hoje nadamos nessa água lustral (Onfray, 2007, p. 03).

Deus não pode morrer, pois ele não é mortal. Deus não existe, nunca teria sido uma vida para depois não sê-la. Somente os homens morrem, nem mesmo os animais são capazes de morrer. Pois a morte não é um fenômeno biológico, apenas, é uma produção cultural da relação da mente humana com o complexo sociocultural que inventou para estar no mundo. A consciência de ser mundo submersa numa defesa narcísica radical do ego persevera para fazer da morte um evento de proporções estratosféricas. Mas somente o homem pode inventar o além-mundo ou simplesmente aceitar a morte como um fenômeno da cadeia alimentar e transmissão enérgica de carbono de uma estrutura a outra. Deus não pode, porque não é vivo, os animais porque não tem cultura. “Pois Deus não está morto nem moribundo - ao contrário do que pensam Nietzsche e Heine. Nem morto nem moribundo porque não é mortal. Uma ficção não morre, uma ilusão não expira nunca, não se refuta um conto infantil” (Onfray, 2007, p. 04). A fantasmagoria inventada pelos crentes serve para esconder de nosso ego a efemeridade da vida, de dois nadas constantes contornando um sopro de alguma coisa. Mesmo o tempo de um homem é insignificante diante da imensidão da História dos próprios homens. “Deus criado pelos mortais à imagem deles hipostasiada só existe para tornar possível a vida cotidiana apesar da trajetória de todos e cada um em direção ao nada” (Onfray, 2007, p. 05). É do nada que viemos que para o nada caminhamos. Nele, no nada, existe um dinamismo, é porque o nada é tão escandaloso à nossa fantasia de supormos ser uma excepcionalidade, que inventamos Deus para legitimar o nosso privilégio de sermos a obra mais extraordinária do universo. Anulamos o

nada. Enquanto existirem homens haverá um nada corrompido pela vontade de poder que estrangula o niilismo negativo num niilismo positivo. “O último deus desaparecerá com o último dos homens. [...] Deus morto suporia o nada domesticado” (Onfray, 2007, p. 05). Deus, apesar de não existir, é tudo que os homens têm para suportar uma vida completamente sem sentido. Diante do abismo, o vento frio do nada provoca um rebuliço em todas as certezas, como a retirar o chão que nunca existiu, reboinando a história daquele sujeito, como fracasso: todas as lutas, todas as vitórias, de nada serviram diante do nada que sempre atualiza a precariedade da vida. “A geração do divino coincide com o sentimento angustiado diante do vazio de uma vida que termina” (Onfray, 2007, p. 06). Por fim, ainda, é importante relembrar que a morte de Deus em Nietzsche não desintegra Deus, porque a humanidade abandonou sua covardia ressentida e agora resolveu assumir a condição trágica da vida⁷, a morte de Deus serve como metáfora e denúncia de que a invenção eclesial do absoluto ente nunca esvaziou o nada de sua estrutura nadificadora, as religiões, idiossincraticamente humanas, realizaram seus cultos, sacrifícios e homenagens, conscientemente, ao nada.

Mas não é tão simples assumir um ateísmo genuíno porque tomou-se consciência da ilusão de Deus, *Deus ainda é melhor que o nada*. Portanto, o ateu e o crente, permanecem na ambivalência fé e descrença. Descrença esta a graduar de níveis mais próximos da fé à descrença absoluta, que quando instalada, restaura a fé numa versão sem Deus da crença. Não existem homens sem crenças, a suposta objetividade científica não é um recurso, como acreditavam os otimistas, que valesse indiferentemente a todos, aquém de qualquer credulidade ou mística. A ciência é uma interpretação de mundo super válida e útil, nem por isso isenta de defensores fanáticos e mal intencionados, basta lembrar do Darwinismo Social. “A negação de Deus e dos além-mundos compartilha provavelmente a alma do primeiro homem que crê. [...] O Diabo e Deus funcionam como frente e verso da mesma medalha, como teísmo e ateísmo” (Onfray, p. 06). A atitude descrente funcionou por muito tempo como reação ao dogmatismo judeu e cristão. E aos poucos o problema foi se aprofundando no sentido de verificar se por trás de todas estas criações religiosas, com a sua essência, não seriam falsas, muito mais desejos de um indivíduo, o tempo todo castrado e alijado da felicidade. “Por muito tempo o ateu caracteriza a pessoa que crê num deus próximo, estranho, heterodoxo. Não o indivíduo que esvazia o céu,

⁷Sobre uma compreensão trágica da vida como vontade de poder, consultar: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011; NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo, Companhia de bolso, 2008; NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



mas aquele que o povoa com suas próprias criaturas..." (Onfray, 2007, p. 06). Para o crente, ao ateu falta algo, como se a falta tivesse sido extirpada com o mito fundacional. Seu comportamento agressivo, acusador, arrogante e reativo, demonstra como esse preenchimento, ou é falso ou não está devidamente estabelecido, havendo um furo na tampa por onde emanam as vigências do nada.

Os que adoram tudo e qualquer coisa, os mesmos que, em nome de seus fetiches, justificam suas violências intolerantes e suas guerras desde sempre contra os sem-deus, esses portanto reduzem o espírito forte a ser etimologicamente apenas um indivíduo incompleto, amputado, fragmentado, mutilado, uma entidade à qual falta Deus para ser verdadeiramente... (Onfray, 2007, p. 11).

Dadas as condições nadificadoras do judaísmo-cristianismo, Onfray sugere o ateísmo como projeto de superação da mortificada intenção teleológica do ocidente crente. A substituição do teísmo pelo ateísmo desembocaria numa era livre com uma nova filosofia, garantidora, por si só, da felicidade. Mas se o ateísmo revigora o nada de Deus numa substancialidade sem Deus, apenas inverte a questão, transformando o nada de Deus das religiões abraâmicas, no Deus do nada (o não Deus absoluto) do ateísmo militante. Ou seja, *não acreditamos em nada*, mas será que eles seriam capazes de perceber que acreditam que não acreditam, que creem que não creem? Porque há duas posições, a judaico cristã, que é niilista, e a do ateu, que não é niilista, segundo o ateísmo militante (para Nietzsche, a questão está colocada de outra maneira). Mas se ela não é niilista, então não é destituída do crer, pois é somente no nada que o melhor ateísmo se vislumbraria. Deste modo, não seriam os cristãos os mais bem constituídos ateus? E os ateus, os mais perfeitos crentes? Só que para os crentes, eles mesmos não são niilistas e para os ateus, eles mesmos não são crentes. Isto porque nenhum dos dois suporta o esvaziamento de tudo para o mergulho na absurdade do abismo que cai num sempre permanente fundo sem fim do nada, como impossibilidade total de qualquer possibilidade. No niilismo absoluto não há criação. Para Clademir Araldi, artigos que podem ser consultados, citados na primeira nota de rodapé, o niilismo incompleto é aquele que não efetivou a experiência do nada em sua completude. Já o niilismo completo experimenta a angústia da deflagração do desespero de um abismo sempre real a regurgitar o incômodo de uma falta de sentido total de todas as coisas. Este niilismo é criativo, pois revigora de si mesmo, um sentido estruturador, pela vontade de poder (*Wille zur Macht*), mas nunca um sentido fixo e rígido, pois é incapaz de qualquer verdade, ontologia e assertivas corretas sobre o agir bem

para a felicidade. Esta é a saída para Nietzsche, segundo Araldi. Por isso, o ateu completo não prega, porque é livre o suficiente para não precisar de seguidores e idólatras de sua incredulidade. O ateu incompleto teme a aventura de um mundo sem qualquer sentido orientador e, por isso, fixa no altar dos incrédulos, os fundamentos Iluministas, a razão, a laicidade, a liberdade, para fantasiar a sua própria realidade existencial, de um descrente, sem conseguir ver que o que faz com todas as suas forças (vontade de poder) é lutar por um sentido, por um significado, por uma justificação do mundo, que o guarde do terror do sofrimento absurdo de uma vida efêmera, trivial, e sem sentido e, por isso, dotada de toda a oportunidade, nestas condições de impossíveis, de ser vivida plenamente no sentido de uma felicidade (condição trágica da vida). O ateu militante e o crente compõe-se da mesma fragilidade, de forma alguma condenável, e se protegem criando seus dogmas e fantasias, de Deus ou de não deus, para conseguir, mais uma vez, tocar a vida.

[...], no diagnóstico de Onfray, estamos imersos no niilismo e ele precisa ser superado. Superar o culto ao nada, a paixão pelo nada, a nadificação e desvalorização de tudo o que é imanência e corpo, seja esse *nihil* o deus judaico-cristão, seja esse *nihil* o enorme vazio deixado pelo “tudo é permitido” e pelo “nada vale a pena” de um certo ateísmo cínico e pessimista. A função da ateologia é promover essa superação. Associada, baseada e nutrida pela psicologia, pela história, pela metafísica, pela arqueologia, pela hermenêutica, enfim, por todos os domínios do conhecimento com suas descobertas e desmistificações, a ateologia deve conduzir o homem para além do niilismo, radicalizar o ateísmo que tem em Meslier o “herói e mártir da causa ateia” e na *Memória* o começo da sua verdadeira história (Piva, 2013, p. 102).

Ao contrário do que os ateus militantes creditam a si mesmos, como racionais e científicos, não haveria muito mais de irracional e emocional a desabrochar como a mais pura vontade de poder a estabelecer-se como força? A questão denuncista, do cristianismo como culpado pelas barbaridades mais hediondas, ao longo da história, é uma informação trivial que qualquer bom aluno de História, ainda secundarista, seria capaz de formular. Mas aí está a questão: o que o cristianismo institucionalizado contém como mácula é a culpa? A culpa pelo pecado, pelo erro, pela intemperança? Ora, isto não seria um argumento cristão? "Num sentido geral, o livro *Dieu avec esprit* argumenta que o postulado materialista hedonista onfraryano encontra apoio no desmedido ataque às religiões monoteístas. Para Fernandez (2005, p. 17), isso simplesmente fere gravemente o princípio argumentativo que deve estar firmado na razão" (Costa, 2021, p. 343). Talvez, uma resposta mais salutar, que o nosso tempo presente demanda da filosofia, não seria uma postura conciliatória, na tentativa da anulação de todos os

fanatismos, e esta postura sóbria não deveria vir, precisamente dos ateus, enquanto capazes emocionalmente de dar conta de um mundo com todos os deuses e nenhum deus, ao mesmo tempo, numa radicalidade do laico?

A obra de Irène Fernandez *Dieu avec esprit: réponse à Michel Onfray* desenvolve o balanço crítico sobre as considerações existentes no *Tratado de Ateologia*. Segundo a autora, Onfray realiza aparentemente em sua obra algo próximo do que chamaríamos de “romance policial” devido ao desmedido interesse de encontrar os culpados para uma série de delitos ocorridos na história da humanidade. Para a autora, as ideias de Onfray são fruto do ódio deliberado às religiões, o que, para ela, sem dúvida, carece de revisão na medida em que o projeto de ateologia dá ênfase à singularidade a partir da desconstrução das três grandes religiões monoteístas (Costa, 2021, p. 342).

A e B não se digladiam por uma inconsistência semântica, mas por um entendimento inconsciente de que eles concordam um com o outro, na condição de seres que sofrem a dor mais funda. Ateus e crentes lutam pelo mesmo sentido, não se dando ao trabalho nem de ponderar os avanços da Física Moderna.

Sua compreensão parte de que todas as teorias científicas comportam em si mesmas um princípio de incerteza. Tal tese é corroborada na medida em que compartilha da mesma ideia de Heisenberg e do teorema de Godel. Logo, a incerteza da religião em assuntos imanentes poderia dispor do precioso auxílio da ciência, bem como os conteúdos científicos em razão de suas limitações naturais obteriam ajuda das interpretações religiosas (Costa, 2021, p. 346).

Há mais de incerteza no que se tinha como mais certo, que coesão, coerência, assertividade, previsibilidade. Às vezes, o que é, só pode ser na exata medida de que o outro não pode ser. A incerteza posta como ponto crucial para a diluição de todos os fanatismos e dogmatismos. A própria presunção de certeza das *Hard Science* exigindo para tal, a instabilidade eletrônica, já apontada por Linnus Pauling e corroborada por Heisenberg, da incerteza. Ou seja, o alcance da certeza advém da necessidade da incerteza, não se pode medir, simultaneamente, posição e quantidade de movimento do elétron. Esta contribuição tem significativa importância na erosão do dogmatismo sectário.

Existem, portanto, dois grupos extremistas disputando uma verdade absoluta. Segundo o autor, trata-se de um confronto tolo e maniqueísta, do qual Onfray é um de seus adeptos. O que leva a filosofia onfraryana a fazer parte de um desses discursos extremistas é sua profissão de fé no materialismo,

acreditando que haja nisso coerência e capacidade de envolver toda a realidade (Costa, 2021, p. 345).

Apesar da tentativa de um pensamento ateu, o cristianismo permanece. Mesmo como laicidade, elementos deste teologismo católico ocidental perseveram como pujança emocional, psíquica, intelectual e filosófica. "Apesar da performance estilística temos a forte impressão de que o ateísmo de Onfray se nutre, aparentemente, da mesma passionalidade quando comparado a alguns preceitos religiosos dos quais ele próprio critica" (Costa, 2021, p. 349). Se desvencilhar dele não é tão fácil assim, e quanto mais radical o ateísmo se expressa, mais ele mostra os seus elementos mais particulares, encontrados em seu alvoz, como o dogmatismo, o fanatismo e a intolerância.

Richard Dawkins

O homem Darwin estava inserido no tempo, o século XIX, com as suas marcas mais genuínas: o racismo de Estado, a eugenio, o otimismo das ciências. Este grande homem deu o pontapé inicial para o desenvolvimento da ecologia e seus conceitos mais importantes. Seus estudos não emergiram de forma autóctone como uma mente brilhante, que no seu despojar-se no mundo, o desvendou de uma vez por todas. Suas investidas se deram em profícuo debate com a comunidade acadêmica de sua época. Dialogando com Horace Bénédict Alfred Moquin-Tandon (1804-1863), botânico, médico e escritor francês; William Kirby (1759-1850), entomologista; Benjamin Silliman Jr. (1805-1879), professor de química e história natural na Universidade de Yale, nos Estados Unidos; Jörgen Mathias Christian Schiödte (1815-1884), entomologista dinamarquês; James Dwight Dana (1813-1895), geólogo e naturalista, professor de geologia na Universidade de Yale, nos Estados Unidos; George Thwaites (1811-1882), botânico e entomologista; Hermann Schlegel (1804-1884), ornitólogo alemão; Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (1805-1861), naturalista francês que deu sequência ao trabalho do pai, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844); Alexandre Henri Gabriel de Cassini (1781-1832), botânico e naturalista francês; Ignaz Friedrich Tausch (1793-1848), botânico; John Hunter (1754-1809), médico; John Edward Gray (1800-1875), zoólogo inglês do Museu Britânico; Sir John Richardson (1787-1865), naturalista, médico escocês da marinha britânica e explorador das zonas polares; Samuel Hearne (1745-1792), explorador inglês; Carlo Matteucci (1811-1868), fisiologista italiano; Jean-Pierre Huber (1777-1840), entomólogo suíço; Frederick Cuvier (1773-1838), zoólogo e paleontólogo francês; Charles Georges Le Roy (1723-1789),

mestre de caça do Palácio de Versalhes; Bernard Pierce Brent (1822-1867), criador de pombos de Londres;; Thomas Mayo Brewer (1814-1880), naturalista norte-americano; Frederick Smith (1806-1879) trabalhava no Museu Britânico; William Hallowes Miller (1801-1880), professor de mineralogia em Cambridge; William Bernhardt Tegetmeier (1816-1912), apicultor e criador de pombos inglês; Jean Baptiste Lamarck (1744-1829), naturalista francês; Charles Noble (1817-1898), horticultor inglês; Thomas Hutton (1807-1874), oficial do exército, serviu na Índia, era naturalista; Gustave Adolphe Thuret (1817-1875), botânico francês, e muitos outros citados e descritos em pequena biografia pelo tradutor Daniel Moreira Miranda nas notas de Nelio Bizzo, professor titular da Universidade de São Paulo, *fellow* da Royal Society of Biology de Londres, realizou sua pesquisa de doutorado com os originais manuscritos de *On the Origin of Species* na biblioteca pessoal de Charles Darwin, mantidos na University of Cambridge, na Inglaterra. Esta tradução que utilizei, a equipe decidiu usar todos os textos desde a primeira edição, recolocando os trechos suprimidos por Darwin nas edições posteriores. Nelio Bizzo teve o cuidado de indicar os equívocos em termos de comprovação de dados empíricos, porém com acerto de raciocínio de Darwin, suas dificuldades em termos de desconhecimento, por exemplo, dos genes e suas hipóteses assertivas, e os erros provenientes do calor da necessidade de afirmar suas hipóteses e pela influência política de seu tempo, o Imperialismo Inglês. De qualquer modo, separei alguns trechos, não para desautorizar o naturalista, diminuí-lo, culpá-lo, seja lá porque motivo. A intenção é devolver a Darwin a sua humanidade e a restituição da humanidade do homem quando elevado aos altares da santidade é dada ao se mostrar as suas limitações.

É muito comum entre os estudantes mais jovens atribuir a Darwin o sucesso pela Teoria da Evolução enquanto se reduz Lamarck a um infantilismo por sua opção pelo uso e desuso. Já que parece bastante óbvio, pelo menos hoje, que os processos evolutivos são mais lentos. Contudo, duas questões devem ser postas em análise. Primeiro, que o meio no curto, médio e longo prazo condiciona o uso e o desuso e que isto tem efeitos no longuíssimo prazo. Dois, que na época de Darwin, Lamarck era uma referência importantíssima, citada, inclusive, pelo próprio viajante do *Beagle*. Isto não desvaloriza a obra de Darwin, isto o eleva, porque demonstra o seu respeito a comunidade científica e ao debate de seu tempo. “O aumento - grande e herdado - do úbere de vacas e cabras em países onde elas são habitualmente ordenhadas, em comparação com o estado desses órgãos em outros países, é outro exemplo do efeito do uso” (Darwin, 2018, p. 34). O imperialismo inglês de séculos, outorgando à Marinha

de Guerra britânica o título de senhora suprema dos mares e oceanos do mundo, não isentaria Darwin de julgamentos de valor profundamente etnocêntricos, para não dizer racistas. O seu olhar segue sempre o ponto de vista do colonizador, não lhe sendo possível abrir-se a um deslocamento do olhar. “Vemos que os animais são muito valorizados até mesmo pelos bárbaros da Terra do Fogo; em tempos de escassez, eles matam e devoram as mulheres velhas, pois elas têm menos valor que seus cães” (Darwin, 2018, p. 34). Portanto, as investidas de Lamarck e o discurso, mesmo que cheio de boas intenções, civilizador, permanecem em Darwin, apesar dele ser um homem profundamente contrário a escravidão e ter-se chocado com a realidade brasileira. Realidade endossada pelos interesses econômicos do poderio britânico e lusitano no Período Colonial Brasileiro, que a partir da Revolução Industrial (Século XVIII), deixa de ser lucrativo. Logo, esta estranheza humanitária de Darwin, sem uma devida contextualização histórica, devolvendo para os brasileiros o epíteto de selvagens porque fazem uso destes recursos, revigora o eurocentrismo encarnado.

A variabilidade é governada por muitas leis desconhecidas, mais especialmente pela lei de correlação de crescimento. É possível atribuir certa influência à ação direta das condições de vida; algo também deve ser atribuído ao uso e desuso (Darwin, 2018, p. 63).

A comunidade clímax quando sofre interferência externa, desestabiliza-se. O seu equilíbrio dinâmico tende a um desajuste em termos de cadeia alimentar. Um ser vivo encontrando condições ideais para o seu desenvolvimento sem um predador capaz de conter a sua população. Existem muitos exemplos em lugares como Austrália, Ilhas Fingi, Floresta amazônica, o bioma do Pantanal, as ilhas Galápagos – que Darwin estudou –, e a região do Prata. O raciocínio é bastante evidente, quase intuitivo, porém os exemplos empíricos em biologia não são adereços, eles comprovam a teoria. Em alguns casos, Darwin errou, mas pensou certo. “Várias das plantas mais numerosas atualmente na grande planície de *La Plata*, cobrindo algumas léguas quadradas da superfície e quase à exclusão de todos os outros vegetais, foram trazidas da Europa; [...]” (Darwin, 2018, p. 84). Em outro trecho e, talvez, seguindo este raciocínio, Darwin atribui às gramíneas dos pampas uma origem europeia, de novo mostrando sua concepção de mundo colonialista. “E já que os estrangeiros superaram em todos os lugares alguns dos organismos nativos, podemos concluir com segurança que os nativos podem ter sido modificados com vantagem, a fim de melhor resistirem a esses intrusos” (Darwin, 2018, p. 101). O homem do seu tempo carrega as suas chagas, inegavelmente.

Por fim, mais alguns poucos exemplos, sem nos alongar muito mais neste tema. Mas o trabalho de escritura das notas de rodapé desta edição de *A Origem das Espécies* é robusto e condizente com os valores de uma ciência que se reconhece como humana e refutável. Não tenho dúvida de que o professor Nelio Bizzo devolve a humanidade de Darwin, perdida quando a altura do gênio é tão impressionável aos sujeitos comuns e triviais, que o que lhes resta fazer é adorá-lo como santo. Ora, outro pequeno deslize refere-se a pouca importância dada por Darwin às pequenas populações como se elas não interferissem no todo, “[...] e o número pequeno de indivíduos irá retardar sobremaneira a produção de novas espécies através da seleção natural, diminuindo as chances do aparecimento de variações favoráveis” (Darwin, 2018, p. 123). No caso dos cangurus, atribuiu uma certa incompletude no desenvolvimento como se houvesse uma finalidade na evolução, existindo um ápice categorial a se alcançar, a espécie humana. “Observamos nos mamíferos australianos o processo de diversificação em uma fase de desenvolvimento precoce e incompleta.” (Darwin, 2018, p. 134). A espécie humana não significa o resultado da evolução, ela existe nas condições ecossistêmicas próprias ao seu sucesso evolutivo. O homem, e esta é a maior novidade da seleção natural, não é tão especial, sendo o universo e a natureza completamente indiferentes a ele, no sentido de não ocuparem uma posição de servidão ao homem. O bípede mais desenvolvido dentre todos os primatas depende das insignificantes bactérias para que a digestão de seus alimentos aconteça, ou seja, as relações entre os seres vivos são de uma complexidade, em que determinar um ápice e um mínimo numa escala evolutiva não explica a questão, aliás, subverte o mais importante, de que há relação de competição e cooperação em todas as direções. Logo, atribuir um normal estrutural em oposição a um anormal, anômalo, é moralizar a natureza. As espécies mudam, evoluem, regridem, mas este ir e vir não corresponde a um bom que no caminho para trás transfigura-se em mal. Tudo isto depende das condições adaptativas da espécie ao meio. “Essas formas anômalas podem quase ser chamadas de fósseis vivos; elas sobreviveram até os dias atuais por habitarem uma área confinada e por terem sido dessa maneira expostas a uma competição menos severa” (Darwin, 2018, p. 125).

Devolvida a humanidade a Darwin, suspeitamos que sua preocupação primordial ancorava-se em desenvolver uma teoria geral capaz de dar conta da complexidade biológica do planeta. Não porque seu desejo fosse atacar a teologia natural, mas desvelar um modelo explicativo coerente. Logo, um suposto ateísmo ou teísmo em Darwin não influênciaria sua teoria. O processo de acumulação de características adaptativas ao longo de milhões de anos

desemboca em estruturas atuais muito sofisticadas como, por exemplo, a posição bípede dos homens. “A resposta é que a seleção natural é um processo cumulativo, que divide o problema da improbabilidade em partículas pequenas. Cada uma das partículas é ligeiramente improvável, mas não definitivamente” (Dawkins, 2007, p.132). Ao leitor apressado, pareceria que o olho, de tão extraordinário, não seria obra da seleção natural, mas criado por um engenheiro sapiente. Porém, esse processo é verificável por fósseis, guardando-se os limites de análise, pois os fósseis são muito raros e determinadas estruturas não se fossilizam, e por mecanismos inferenciais desenvolvidos a partir de dados factuais e, agora, também com o apoio da biologia molecular. Pequenas etapas desembocarão em algo esplêndido.

Em *A escalada do monte Improvável*, manifestei essa questão na forma de uma parábola. Um lado da montanha é um despenhadeiro, impossível de escalar, mas o outro lado é uma encosta de subida amena até o topo. No topo está um dispositivo complexo, como um olho ou um flagelo bacteriano. A ideia absurda de que tamanha complexidade possa se montar sozinha, espontaneamente, é simbolizada por um pulo só, do pé do penhasco até o cume. A evolução, pelo contrário, vai por trás da montanha e pega a subida amena até o topo: fácil! (Dawkins, 2007, p.133).

Em meio a sua militância, Dawkins tem uns arroubos de cientista, levantando a ignorância como próprias do empreendimento científico. Ademais, atacando os criacionistas como aqueles que procuram os vácuos das coisas para indicar algum poder celestial. É verdade que os crentes se rendem muito rápido a uma explicação fácil, mas deixar de admitir alguma coisa de misterioso na vida, desmascarando-a totalmente em materialidade pura, nos oferece o requisito de uma fé ingênua no progresso. Entre a fé que estanca o fluxo investigativo e a esperança que garante o fluxo, como um hamster correndo na gaiola circular, há uma linha de toque, bem suave, quase invisível, uma membrana bem delicada, em que os dois saberes se encostam. Mas, como existe muito ressentimento de ambas as partes, a dificuldade de uma experiência como vivência para um aprendizado de si pelo outro, é evitada como antipatia pelo outro como inimigo.

Os criacionistas procuram avidamente uma lacuna no conhecimento ou na compreensão atuais. Se uma aparente lacuna é encontrada, assume-se que Deus, por padrão, deve preenchê-la. [...] É uma parte essencial do empreendimento científico admitir a ignorância, até mesmo exultar na ignorância, já que ela é um desafio para conquistas futuras. (Dawkins, 2007, p.137, **grifo nosso**).

Da sopa proteica de aminoácidos aos coacervados, numa profusão caótica de tempestades elétricas, escuridão solar, muito calor, muito frio, muito tudo, de uma vez, numa instabilidade como indiferenciação do dentro e do fora por uma membrana capaz de selecionar nutrientes; tudo isto teria sido um evento único, particular, completamente singular, em todo o universo. Impossível de replicar, simular, recriar em laboratório. Uma elaboração teórica, abstrata, conceitual, ainda seriam insuficientes. Os estudos partem do acontecido, do ambiente em fluxo, pois no limiar do que era para o que passou a ser, existe um impossível de ser, uma escuridão angustiosa que mantém a nossa ignorância sobre isto que somos. “A raiz da evolução na química não biológica parece, de alguma forma, representar uma lacuna maior que qualquer outra transição específica durante a evolução subsequente. [...] A origem da vida só teve que acontecer uma vez” (Dawkins, 2007, p.146). Se a teologia começa o seu debate a partir de Deus, e se Deus é onipresente, portanto não há nada antes dele, mas somente ele enquanto tal; a biologia darwiniana, inicia-se depois do acontecimento primordial, porque tanto na origem do universo quanto na origem da vida na Terra há um não empírico que escapa ao escopo do laboratório.

A evolução da vida é um caso completamente diferente da origem da vida, porque, repetindo, a origem da vida foi (ou pode ter sido) um evento singular, que teve que acontecer apenas uma vez. A adaptação das espécies a seus diversos ambientes, por outro lado, ocorreu milhões de vezes, e continua ocorrendo (Dawkins, 2007, p.152).

O assassino mais habilidoso é o mesmo capaz de por amor cuidar, dedicar a sua vida à vida dos outros, pobres, crianças, idosos, deficientes de todos os tipos, por uma recompensa ou não. Mas o homem não só se adaptou, ele ultrapassou isso, transformando a adaptação numa trivialidade. Isto é contraditório e inexplicável, mas é o que temos: o céu e o inferno no próprio ser, a genialidade e a estupidez, a inventividade e a destrutividade. O homem é o seu próprio Deus e o seu próprio demônio. “Os mesmos povos que são tão sábios em relação ao mundo natural e a como sobreviver nele ao mesmo tempo enchem a cabeça de crenças que são evidentemente falsas e para as quais a palavra ‘inúteis’ é generosa demais” (Dawkins, 2007, p.176). A aridez da vida não é um suficiente argumento para que o sujeito mantenha-se vivo. Algo além deste vale de dor precisa ser prometido para que os fracos continuem sua jornada, angariando recursos para a sua sobrevivência e adaptação e sucesso reprodutivo. A promessa do além-mundo serve como recompensa pela provação desta existência condenada de pecador.



Outrossim, se a recompensa como superação não for suficiente, a ameaça de punição infernal tem o seu caráter pedagógico e, o mais importante, também bem sutil e delicado, estabelece algumas interdições: o incesto e o suicídio. É permitido copular com qualquer pessoa, menos com seus parentes próximos, garantindo a variabilidade genética. O homem é o único animal capaz de se destruir conscientemente, mas é proibido, interditado, mediante ameaça da danação eterna, inclusive, sem julgamento e sem perdão. Não nos parece que as religiões estejam sendo contranaturais.

No mínimo, a teoria do consolo precisa ser traduzida para termos darwinianos, e isso é mais difícil do que você pode imaginar. Explicações psicológicas para o fenômeno de que as pessoas acham algumas crenças gratificantes ou não gratificantes são explicações aproximadas, e não finais (Dawkins, 2007, p.179).

Os *memes* são um recurso retórico criado por Dawkins, sem qualquer correspondência na realidade, assim como testabilidade empírico laboratorial, para repetir, como se tivesse inventado a roda, o que antropólogos, sociólogos, historiadores, filósofos, linguistas, literatos, dramaturgos, sacerdotes, conhecem muito bem. Ou seja, que os valores culturais são transmitidos por ação e vontade dos seres humanos como profícuo elemento para a sua sobrevivência no meio. Só que Dawkins aproxima rapidamente a noção de replicação gênica, que é químico molecular, da de *meme*, esta, como replicação de conceitos e ideias culturais de geração a geração. A afinidade molecular dos átomos não têm qualquer relação com afinidade cultural ao longo do tempo. Tal hipótese interpretativa é de uma grosseria intelectual que demonstra ou desconhecimento dos estudos sobre a cultura humana, ou má-fé e falta de probidade intelectual, chegando ao completo desrespeito a incrível História da Humanidade e sua inventividade e perspicácia.

Os *memes* para fé se propagam mais proficuamente, intencionalmente, como se para todos os outros elementos da cultura não fosse o mesmo. “Assim como genes num universo de genes, os *memes* que prevalecem são aqueles que conseguem se copiar bem” (Dawkins, 2007, p.209). Então a paixão religiosa persevera porque tem uma metodologia mais eficaz que, por exemplo, a aplicada pelas escolas sobre os alunos. A ameaça e o medo como recursos a prostraçõa de joelhos. E quando se é criança, a ameaça é muito mais funcional e marca bem mais profundamente. Não porque as crianças tenham qualquer predisposição natural para isto ou aquilo, mas porque os seus genitores são seus suportes de segurança afetiva. Sua palavra

ecoa mais intimamente, mas não que não possa ser mudado com o desenvolvimento da criança e o seu acesso a novas perspectivas promovidas pelo convívio social. “Os memes para a fé cega têm os próprios métodos implacáveis de se propagar. Isso é verdade tanto para a fé cega patriótica e política como para a fé religiosa” (Dawkins, 2007, p. 261). Ora, indiscutivelmente, os métodos do fundamentalismo religioso são bastante eficazes, o que não inferioriza as estratégias de transmissão de outros elementos da cultura. Dawkins reduz a permanência a uma coisa que ficou, feita por um grande homem, que duraria mais que os próprios genes. Mas a cultura não é uma produção individualista, a obra de Einstein tem o seu mérito, mas jamais constituir-se-ia sem as contribuições de Newton, Kepler, Copérnico, Planck e, mesmo toda a contribuição ocidental. A formação intelectual do gênio Einstein não foi autóctone, ele é produção da educação cultural ocidental. Na medida que esteve tão fortemente vinculado à cultura ocidental que conseguiu desgarrar-se dela e apresentar uma novidade.

No entanto, se contribuirmos para o patrimônio cultural do mundo, ou seja, se tivermos uma boa ideia, compusermos uma canção, inventarmos uma vela de ignição, escrevermos um poema, pode ser que a nossa contribuição sobreviva, intacta, muito depois que os nossos genes tiverem se dissolvido no *pool* comum de genes (Dawkins, 2007, p. 262).

O cientista perdeu o método, a paciência, o demorar-se na simplicidade e elegância dos conceitos, objetivamente claros e testados, perdeu o decoro; para mergulhar na gritaria, pouco inglesa, do cais dos vendedores de peixes na sua conversa cotidiana. “O brilhante divulgador científico se tornou um selvagem polemista anti-religioso, pregando em lugar de debater (ou assim me parece) sua posição” (Mcgrath, 2008, p. 14). O mundo do ateísmo militante é dicotômico, exige a polarização e o açoite do oponente como verborragia. Entre o Nós e o Eles, eles têm a condição de inferioridade, irracionalidade, bestialidade. “Os religiosos são descartados como anticientíficos, intelectualmente irresponsáveis ou existencialmente imaturos — isso quando ele (Dawkins) está num bom dia” (Mcgrath, 2008, p. 14). Os fundamentos deste ateísmo ignoram que mesmo o ateísmo é produto do cristianismo no ocidente, para o bem e para o mal. Que a reatividade de seu discurso não deixa de se mostrar como o resultado mais eficiente de milênios de transmissão da cultura judaico-cristã. Que sua paixão é cristã, assim como sua ciência, qualquer estudioso medíocre de religião sabe que a categoria irracionalismo atribuído às religiões, especialmente ao cristianismo, é completamente incoerente e panfletária: a racionalização e sistematização do mundo pela ordenação intelectual do homem foi

instrumentalizada pela *intelligenzia* católico medieval pelos recursos disponíveis construídos pelas culturas pagãs mais promissoras, gregos, romanos, mongóis, sírios, persas, judeus, egípcios, visigodos, ostrogodos, vândalos, vikings, celtas, normandos, suevos, francos, transmitidas, pedagogicamente, geração após geração, fazendo o credo até ter sentido, *os homens vão e vem*, mas a Igreja permanece imortal diante da imensidão do tempo. “Ficou cada vez mais claro para mim que as bases do ateísmo de Dawkins com certeza repousavam, no final das contas, fora das ciências, e não dentro delas” (Mcgrath, 2008, p. 16). O julgamento de valor, além de não ser uma prerrogativa científica, desmerece o outro quando enunciada pela pena de Dawkins. É compreensível denunciar as religiões como promotoras das maiores atrocidades, ao longo da História, mas deixar somente a ela a promoção do mal, isentando todo o resto, é injusto e não soluciona o problema da maldade humana. “A religião leva ao mal. [...] Esse não é um juízo estritamente científico, pois, como Dawkins observa com frequência, as ciências não podem determinar o que é bom ou mau” (Mcgrath, 2008, p. 18). Os valores morais e éticos como conduta do viver bem e, se estes valores formulam-se a partir de uma noção do sagrado, não são objetos das ciências. Elas mesmas já recusaram essas noções como pragmaticamente inúteis a seus interesses mais objetivos: desnudar a factualidade do mundo. O bem e o mal não existem do mesmo modo que uma mitocôndria, por isso estas podem ser objeto das ciências, enquanto aquelas são objetos da filosofia, da teologia, da antropologia, da política, da História. “É algo por demais aceito que o método científico não pode simplesmente decidir sobre a questão de Deus. [...] A ciência é assim usada para ajustar a visão de mundo, e se prova capaz de acomodar pontos de vista teístas e ateus com notável facilidade” (Mcgrath, 2008, p. 17). O uso de Darwin para fins obtusos não é novidade, mas no século XX/XXI é de uma perniciosa e mesquinha imensa. Talvez, mais desestabilizadores que Darwin fossem, ainda, Freud, Marx e Nietzsche. A assunção da morte de Deus em Nietzsche é muito mais perturbadora que uma explicação perfeitamente ordenadora da natureza. E aí está a questão, Darwin tenta tamponar a angústia na sua cientificidade, Nietzsche a escancara e não delimita uma solução fácil para o vazio deixado pela morte de Deus. Aliás, Deus facilitava as coisas, agora tudo recai sobre o homem que passou a ter responsabilidade pela criação dos muitos sentidos que se pode dar à vida. Mesmo assim a angústia não estanca, a não ser com a morte.

Enquanto a maioria dos biólogos evolutivos defende que o darwinismo oferece uma descrição da realidade, Dawkins insiste em que ele proporciona mais que isso: o darwinismo é uma explicação. O darwinismo é uma visão de

mundo, um *grand récit*, uma metanarrativa — uma estrutura totalizante através da qual as grandes perguntas da vida devem ser avaliadas e respondidas (Mcgrath, 2008, p. 53).

Os medievais dedicaram-se a uma racionalização de Deus. “[...] a tradição cristã clássica sempre valorizou a racionalidade, não defendendo que a fé envolva o completo abandono da razão ou a crença contra a evidência” (Mcgrath, 2008, p. 123). Outrossim, a fé, e não a razão, continua sendo o combustível da experiência do sagrado. Logo, o problema de Deus, além de não exigir, inicialmente, uma razão como substrato, não é um conceito ou ideia do universo científico. “Se o método científico não pode provar nem contestar a existência ou a natureza de Deus, então, ou desistimos da pergunta por ser irresponsável (algo que Dawkins certamente não quer fazer), ou procuramos respondê-la em outras bases” (Mcgrath, 2008, p. 71). Se duas ou mais hipóteses são boas de acordo com uma comunidade de ouvintes mais ou menos capazes de entender o problema, não haveria porque aceitar uma e rejeitar outra. Assim, as duas compreensões conviveriam sem a rigidez de se ter de assumir uma ou outra, por não existirem critérios para a afirmação da verdade. A dificuldade não são as diversas interpretações sobre o mesmo fenômeno, mas como a fantasia da estabilização explicativa a partir de uma vertente, postula uma pseudo verdade, muito mais como uma mentira necessária.

Às vezes é impossível julgar entre teorias concorrentes porque elas parecem oferecer explicações igualmente boas sobre o observado. Duas teorias bastante diferentes podem se mostrar “empiricamente equivalentes”, forçando assim a comunidade científica a suspender o julgamento até que o assunto seja resolvido através das evidências, ou se chegue a uma decisão por outras bases. Um excelente exemplo pode ser fornecido por duas escolas de mecânica quântica rivais: a “escola de Copenhague”, baseada na abordagem de Niels Bohr e Werner Heisenberg, e a de David Bohm. As duas são empiricamente equivalentes e sem dúvida da mesma forma elegantes e simples (Mcgrath, 2008, p. 71).

Ao debruçar-se sobre a natureza, o cientista não precisa aceitar ou rejeitar Deus. Descoberta a racionalidade própria do mundo, Deus pode ser colocado como coadjuvante, não desqualificando as leituras de mundo de ambas as partes. Ao crente leigo, faz pouca diferença que um *Big Bang* tenha dado origem ao universo e esta hipótese sirva, principalmente, para invalidar a fé, o que não é verdade (assim como a teoria de Darwin, a do *Big Bang* pouco se importa com Deus ou não Deus). “Porque eles deixam claro que é profundamente problemático supor que o darwinismo exija o ateísmo. [...] A visão pessoal de Huxley era de que a nova

teoria conduzia a um agnosticismo de princípio” (Mcgrath, 2008, p. 95). Mas como o mecanicismo do mundo é bastante coerente, dá para deflacionar Deus. E como a máquina entende seu mecanismo já na condição de máquina, no fluxo, sem conseguir esmiuçar exatamente o agente propulsor do primeiro movimento, uma pitada de mistério autoriza uma mística da vida, nem que seja para sonhar com um otimismo originário e ingênuo.

Todas as invenções humanas estão impregnadas do humano. Atribuir aos religiosos, exclusivamente, toda a celeuma do mundo, é insuficiente diante das atrocidades que os comunistas impuseram ao mundo com Mao e Stalin, para citar apenas dois bastante conhecidos regimes totalitários ateus. As ciências também cometem os seus crimes. "Aliás, em termos de milhões de vítimas de残酷和opressão, o século XX provavelmente não foi superado por nenhum século anterior. E não é segredo que os *gulags*, os genocídios e os campos de concentração não foram fundados em nome de uma igreja" (Paine, 2010, p. 23). A interpretação que visa encontrar um culpado é judaico cristã. Não existem culpados quando são os humanos os protagonistas de sua glória e derrota. Há muito mais no mundo que dois lados de uma sentença.

Fingir que a religião é o único problema no mundo, ou a base de toda dor e sofrimento, não é uma opção válida para quem pensa. É apenas retórica, um mascaramento de um problema difícil que todos precisamos discutir — isto é, como os seres humanos podem coexistir e controlar suas paixões (Mcgrath, 2008, p. 143).

A religião que mata, também salva, pela caridade e amor. A ciência do Raio-X é a mesma da bomba. A vida afirma a sua força com o mesmo vigor que afirma a sua morte. A vida para constituir-se tem que destruir. A pulsão de morte é o ingrediente útil à vida, pois testa o seu valor, retirando-a da banalidade do tédio. Se a vida ficar confortável demais, o moribundo da existência assume a sua cadavérica, formada na absurdade das neuroses psiquiátricas. Todas estas tensões, ciência x teologia, filosofia x teologia, vida x morte, sujeito x objeto, bem x mal, guerra x paz, são arquétipos da guerra como consistentes paixões autodestrutivas convenientes à manutenção e expansão da vontade de poder.

Quando estudava química orgânica em Oxford no início dos anos setenta, fiz uso extensivo de uma obra volumosa intitulada *Advanced Organic Chemistry* [Química orgânica avançada]. Ela fora escrita por um casal, marido e esposa, e invariavelmente era chamada “Fieser & Fieser”. [...] O que na verdade se precisava era que a gasolina fosse modificada para queimar mais lentamente,

em temperaturas mais elevadas. Assim grudaria nas pessoas e elas não poderiam interromper a queima do material. Dissolver borracha na gasolina foi uma opção. Mas a borracha era escassa e, portanto, se fazia necessária uma alternativa química. [...] descobriram que a gasolina poderia ser gelificada se fosse acrescida em aproximadamente um décimo de seu peso de um pó de *napthenate* de alumínio (feito de resíduos de óleo cru) e palmitato de alumínio (feito de óleo de coco). As fontes dos materiais deram à substância seu acrônimo — *napalm*. [...] Cerca de 35 milhões de quilos da fórmula de Fieser foram produzidos durante a Segunda Guerra Mundial. E a maior parte foi usada contra os japoneses. Durante a noite de 9 para 10 de março de 1945, 279 bombardeiros US B-29 Superfortress, de baixa altitude, jogaram 1.667 toneladas de napalm sobre Tóquio (Mcgrath, 2008, p. 140).

Porque humanas que as ciências e as religiões, apesar de escopos analíticos distintos, merecem uma relação conciliatória.

As convergências, declara Baumier, servem de base para o enriquecimento de ambos os saberes, permitindo que juntas caminhem em direção à certeza do real. A combinação entre ciência e religião é o resultado de uma parceria voluntária e sistemática. O interesse maior é favorecer a integração entre os dois domínios de pesquisa (Costa, 2021, p. 345).

A filosofia não é por acaso a ferramenta útil a aproximação destes saberes, uma aproximação que garanta a cada uma a sua distância. Enquanto distantes, que podem estar perto, porque é neste distinto que as constituem, que existe um próximo que as afasta. O significado do mundo não é científico, a factualidade do mundo dispensa artigos de fé. Enquanto o movimento do real é amoral, o real humanizado e sócio-histórico utiliza-se da moral como recurso a contenção da barbárie domesticando a natureza. Deus insere-se no campo moral, a ciência na amoralidade. Porém, como estes dois campos, intrometeram-se um no outro, a ciência esteve moral e a fé esteve amoral, talvez imoral.

Não vejo como a ciência e a religião podem ser unificadas, ou mesmo sintetizadas, sob qualquer esquema comum de explicação ou análise; mas tampouco entendo por que as duas experiências devem ser conflitantes. A ciência tenta documentar o caráter factual do mundo natural, desenvolvendo teorias que coordenem e expliquem esses fatos. A religião, por sua vez, opera na esfera igualmente importante, mas completamente diferente, dos desígnios, significados e valores humanos - assuntos que a esfera factual da ciência pode até esclarecer, mas nunca solucionar (Gould, 1999, p. 12).

A defesa de Gould dos magistérios não interferentes tem a vantagem de proteger as sociedades humanas de novos excessos das ciências. Porque a biologia como tecnologia de criar

valores, se enche de neutralidade para afirmar seus determinismos. O sagrado não tem nenhuma relação com a psiquiatria, com neuroses de obsessão, psicopatias, psicoses, neuropatologias, como sugere Dawkins. Portanto, as ciências duras não tem muitos recursos para disputar a moralidade da moral, pois enquanto saber reivindicam um campo de análise fora da moral, apesar de morais. Enquanto morais, as ciências se intrometem nos saberes assumidamente morais, sem se dar conta ou agindo de má-fé. A moral para ser questionada tem que se assumir como moralidade dos costumes. Neste sentido, é no âmbito da teologia e da filosofia que se encontram as ferramentas, os livros, os conceitos, para constranger o edifício moral. Quando o tom é de desqualificação como subproduto de alguma coisa, não como uma vontade estruturante do sujeito desejante, então a moralidade não foi desajustada, na verdade foi trivializada pelo confronto de outra moral hipocritamente posicionada como além de bem e mal. Com a morte de Deus, isto inclui o ídolo da biologia, se conseguira esmiuçar uma amoralidade. Uma filosofia do futuro emergiria de uma condição moral, completamente revigorada, sem, inclusive, quaisquer um destes magistérios a postular seus deuses como amortecedores da angústia.

O magistério da ciência não pode ir além da antropologia da moral - a documentação daquilo em que as pessoas acreditam, incluindo informações importantes como a frequência relativa de valores morais específicos em culturas distintas, a correlação desses valores com as condições ecológicas e econômicas e até mesmo (potencialmente) a capacidade de adaptação de certas crenças especificadas em situações darwinianas - embora meu intenso ceticismo sobre trabalhos especulativos nessa área tenha sido bastante manifestado em outros trabalhos. Mas a ciência nada diz sobre a moralidade da moral (Gould, 1999, p. 57).

A tentativa de aproximar, por parte de Richard Dawkins e outros ateus dogmáticos, Darwin, do ateísmo, é apressada, quiçá, desonesta. A teoria da evolução das espécies não serve para provar que Deus não existe. Ela explica os processos de desenvolvimento dos seres vivos na Terra, apenas. Nela não há uma divergência direta e reativa ao criacionismo do *Gênesis*. Nem se pretende uma verdade absoluta, pois é refutável e criticável, sustentando-se enquanto tese explicativa de mundo como categoria provisória. Enquanto as teses criacionistas sustentam-se pela verdade absoluta e irrefutável. Quando a tese científica perde sua abertura ao não dogmatismo perde em credibilidade. A tese de Darwin é melhor que a dos crentes, não porque seja a verdade, mas porque detém argumentos e dados empíricos mais consistentes e,

mesmo assim, mantém-se aberta ao diálogo e ao debate de ideias e do contraditório, enquanto as religiões, em geral, não.

Considerações Finais

A vida é difícil demais, intranquilamente misteriosa, sofrida em demasia, para uma constatação meramente materialista do mundo. Que o mundo seja, apenas, o que os físicos, químicos e biólogos dizem que é, sem pôr nem tirar mais nada, então o sentido, a coerência, o mecanismo, se põe de tal forma, que toda paixão, dor e alegria pelo sentimento de abandono é extirpada, elevando da tumba do Deus morto o tédio basal como castigo pelo existir. Mas os homens das ciências, céticos com relação ao sagrado, não deixam o nada assumir o controle, a própria ciência de que são guardiães e seu método infalível são elevados ao altar da adoração. O homem moderno não está preparado para o niilismo como realidade. Se o niilismo se sustenta, num primeiro momento, pelo ideal platônico socrático; em outro é tomado como ideal ascético pelo sacerdote cristão para, enfim, ganhar a operacionalidade interventiva da ciência laboratorial; contudo, estes niilismos como fuga do real numa transposição para além-mundos, protegem-se do impacto mais doloroso, de que o mundo aparentemente tão cheio, está preenchido de nada, que a coerência do mundo é arbitrária, versão humana de seu jeito de adestrador, consciência de espantalho e bonachão. Deus, o socialismo, o feminismo, a igualdade, a equidade, a justiça, a verdade, o ateísmo, o panteísmo, o agnosticismo, o deísmo, as ciências, o amor, a caridade, Lula, Bolsonaro, Nietzsche, Schopenhauer, Kant, Einstein, o LSD, o rock'n roll, a maconha, nada disso faz sentido, são apenas invenções estabilizadoras para nos ludibriar da crueldade de um abismo como um buraco que afunda cada vez mais no nada e na morte.

Por isto, Deus na sua acepção tradicional ou na sua versão laica sob vestes humanísticas, está aí como mecanismo de defesa contra o desamparo. E não reivindicamos uma condenação a presentificação de Deus como atributo covarde de uma humanidade decaída, ao contrário, sustentamos que Deus possibilita à vida continuar, mesmo depois do seu encontro devastador com o nada. Porém, e aqui vale algumas ressalvas, esses valores teísticos de todos os tipos, podem ser envenenadores e devem ser combatidos numa outra forma de educação que escape ao adestramento disciplinador do cristianismo judaísmo puros. Uma postura poética diante da vida restaura Zarathustra como dançarino capaz de após a morte de Deus, pragmaticamente, fazer



uso dos diversos recursos para consolidar sua alegria. Ateísmo e teísmo não são conceitos absolutos, sendo plenamente possível apropriá-los da forma que nos aprovarem. Um doente que faz uma prece a Deus não é condenável, um biólogo molecular que descobre as propriedades químicas da Uracila, desdobrado-a num argumento sobre a inexistência de Deus também não. Suas atitudes afirmativas preservam o humano que são. Mesmo o fraco, degenerado, sem forças, devastado pela pusilanimidade proveniente da imensidão da vida, mesquinhos, ressentidos, reativos, canalhas, mentirosos, charlatões do cristianismo, mesmo estes miseráveis elevam sua torpeza leviana para edificar alguma realidade para a sua vida neste mundo. A promessa do outro mundo serve a estes carcomidos e devastados; sem seus amuletos e bengalas, eles sucumbiriam. O forte que se esforça em destruir este pouco, destes moribundos e mentecaptos, não passa de um covarde vingador, que trava uma guerra desnecessária contra os vulneráveis: isto não passa de judaísmo cristianismo no sentido *lato*.

Por fim, discutimos até aqui como o ateísmo, apesar de sua aparente descrença, recruta de Deus os vendilhões de sua doutrina. Se o aspecto político do ateísmo é necessário como contraponto aos desmandos do fanatismo religioso, por outro, a solução ontológica para o problema não nos parece criativa no sentido de uma novidade. Ou o ateísmo bebe, principalmente, no cristianismo para endossar uma espiritualidade laica, ou na sua versão militante inverte os valores cristãos numa evidente vingança apaixonada, apesar do semelhante de racionalidade e científicidade. Uma sociedade sem Deus exigiria uma indiferença generalizada com relação a todos os ídolos de alguma maneira inflacionados ao nível da paixão arrebatadora. Mesmo no vácuo do niilismo enquanto tal, sem subterfúgios, há de se ter o cuidado de não fazer do niilismo um novo bastião. Ora, tal dificuldade para o empreendimento ateísta nos autoriza a supor que Deus é condição, na pior das hipóteses, semântica e discursiva, do devir humano.

REFERÊNCIAS:

- ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral.** Pelotas: NEPFil online, 2013.
- _____, Clademir Luís. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche.** Cadernos Nietzsche 5, p. 75-94, 1998.
- _____, Clademir. **Hölderlin e Nietzsche: sobre o “abismo” do nada.** Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 13, nº 2, pp. 43-58, 2020.
- CABRAL, Alexandre Marques. **Nietzsche e a semântica da vontade de poder.** Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche, 1º semestre de 2009, Vol.2, nº1, pp.20-37, p. 27.
- _____, Alexandre Marques. **Nihilismo e Hierofania: Nietzsche, Cristianismo e o Deus Não-Cristão.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2015.
- CHAVES, Doriane de Araújo; OLIVEIRA, Adriano Antunes de. **Nihilismo e morte de deus como problemas na leitura de Zaratustra de Nietzsche.** Revista Acadêmica UniSerra, Tangará da Serra, v. 1, n. 1, p. 41-50, jan/jun. 2018.
- COSTA, Abraão Lincoln Ferreira. **Ateísmo e materialismo hedonista: um balanço crítico da ateologia de Michel Onfray.** Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de pós-graduação em filosofia, 2010.
- _____, Abraão Lincoln Ferreira. **Michel Onfray e o ateísmo contemporâneo: considerações e balanço crítico ao Tratado de Ateologia.** Griot : Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.21, n.3, p.336-350, outubro, 2021.
- DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANCO, Clarissa de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum.** Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2014.
- GOULD, Stephen Jay. **Pilares do Tempo: Ciência e Religião na Plenitude da Vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 12.
- MCGRATH, Alister. **O deus de Dawkins: genes, memes e o sentido da vida.** São Paulo: Shedd Publicações, 2008.
- MESLIER, Jean. **Testament: Memoir of the Thoughts and Sentiments of Jean Meslieh.**

New York: Prometheus Books, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Editora Companhia das Letras, 2011.

_____, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

_____, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. São Paulo: Abril, 1978.

ONFRAY, Michel. **In Defense of atheism: The case against Christianity, Judaism, and Islam**. Toronto: Viking Canada, 2007.

_____, Michel. **Tratado de Ateologia: física da metafísica**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PAINÉ, Scott Randall. **Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 9-26, jul./set. 2010.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. **Jean Meslier revisitado: as ultraluzes de Michel Onfray**. Cadernos de ética e filosofia política, Número 36, Página 89-104, 2013.